

A importância da tradição na cultura popular

César Obeid

A literatura de cordel já entrou com força total nas escolas! Inúmeros livros didáticos e paradidáticos procuram tratar deste rico universo, os educadores e alunos estão se encantando com o sabor das rimas e o colorido da oralidade das estrofes dessa incrível narrativa brasileira!

Vamos saber um pouquinho mais sobre o assunto e os cuidados que devemos ter para não perpetuar as informações equivocadas que circulam na internet (e em alguns livros também!) para que todos possam aproveitar ao máximo o cordel em sala de aula. Existem algumas informações equivocadas sobre o cordel que não conferem com a realidade, como as seguintes:

“Existem criações de cordel em prosa”. A literatura de cordel brasileira, chamada de “folheto” ou “romance” pelo povo é invariavelmente escrita em versos rimados e metrificados. A literatura de cordel ibérica é que poderia ser escrita na forma de prosa ou em verso.

“Os folhetos de cordel são feitos em papel de péssima qualidade”. Os poetas do passado utilizavam o melhor recurso gráfico disponível da época para a impressão dos seus folhetos, o que poderia até ser um papel de baixa qualidade, devido à escassez de recursos. Hoje, a vontade de fazer o melhor não mudou e, para isso, os poetas utilizam todos os recursos gráficos disponíveis.

“A literatura de cordel é assim chamada pelo fato de os folhetos serem expostos pendurados em barbantes e vendidos em feiras do nordeste brasileiro”. A frase estaria certa se terminasse

assim: “[...] pelo fato dos folhetos serem expostos pendurados em barbantes e vendidos em feiras em Portugal”. Ou seja, este nome e essa tradição são ibéricos, não nordestinos.

No Brasil, muitos cordelistas não perpetuaram a tradição de pendurar folhetos em barbantes e vendiam seus folhetos em bancas, no chão etc. Neste ponto devemos tomar muito cuidado, pois alguns educadores penduram em barbantes os folhetos

ilustrados com xilogravura, mas não trabalham com as rima, métrica, tradição ou a oralidade do cordel.

Todo cordel tem ilustração em xilogravura. Muitos têm; outros, não, embora a xilogravura esteja umbilicalmente ligada aos folhetos de cordel, principalmente a partir dos anos 1930.

A literatura de cordel e o repente são as mesmas manifestações. A literatura de cordel é impressa, já o repente é o canto com versos improvisados. Os primeiros cordelistas brasileiros eram também repentistas. E até hoje todo bom cordelista, mesmo não sendo repentista, conhece profundamente as regras e as estruturas do repente.

O poema “Vaca Estrela e Boi Fubá” do mestre Patativa do Assaré é literatura de cordel. O Poeta Patativa escreveu lindos cordéis, mas também publicou muito “poesia matuta”, outro estilo da literatura sertanejo-nordestina, que é diferente do cordel. O cordel utiliza as modalidades da cantoria de viola e rimas com exatamente o mesmo som. A Poesia Matuta pode usar rimas com o som parecido e outras modalidades de estrofes.

O cordel costuma ser vendido em mercados e feiras pelos próprios autores. O cordel já foi muito mais vendido em feiras e mercados. Percebe-se hoje a presença de poetas em escolas, faculdades, centros culturais, etc. Mas a tradição do próprio poeta vender seus folhetos se mantém.

Os temas tratam sobre as façanhas do cangaceiro Lampião e do suicídio de Getúlio Vargas. Esses temas e outros ligados ao universo do imaginário nordestino ainda são tratados pelos poetas, mas a infinidade e a diversidade de assuntos também fazem e fizeram parte das narrativas de cordel. O limite é a imaginação de cada poeta, qualquer assunto pode virar cordel nas mãos de um poeta habilidoso.

De modo geral, a produção está em declínio. Declínio? Temos inúmeros e excelentes poetas atuantes de todas as idades, espalhados por todo o Brasil, como pode ser uma arte em declínio?

Caro educador, a minha intenção não é só somente indicar o erro que as pessoas publicam em sites e livros para desmerecer as pesquisas anteriores, mas alertar e orientar para que os equívocos diminuam cada vez mais e que possamos chegar, algum dia, às informações que mais se aproximem ao real universo dos poetas cordelistas e repentistas.

Analisando bem, muitas dessas informações (e aqui eu só cito algumas por falta de espaço) muitas vezes, minimizam o amplo universo da literatura de cordel, podendo inclusive reduzi-lo a um “folclore” distante no tempo e no espaço.

Sei que é difícil contradizer um conceito previamente estabelecido, mas é que muitos dos pontos que descrevi foram deslizes de interpretação de algum escritor ou conceitos muito antigos, que necessitam ser repensados e atualizados.

Nas oficinas que ministro, vejo os educadores impressionados ao saberem da multiplicidade e riqueza de estrofes e rimas do cordel (sextilha, setilha, oitava, décima, martelo, galope e muitas outras) e de como essas ferramentas podem ser úteis no desenvolvimento do leitor.

Este é o momento de refletir o porquê da chamada cultura erudita não dar a devida atenção às manifestações espontâneas que nascem para representar um anseio de uma comunidade e não os desejos e vontades de um só artista, pois o artista popular é um representante do povo, dos seus costumes e desejos.

Se alguns pesquisadores eruditos insistem em “folclorizar” pejorativamente as manifestações populares, eliminando sua contemporaneidade, nós, educadores e poetas, devemos ter coragem para mostrar a cultura sem qualquer medo ou receio. Mas toda mudança exige coragem, e sinceramente espero que esta coragem vista a fala e as ações de todos que lutam pelas culturas tradicionais populares e, se eu estiver equivocado, fico de coração aberto para me corrigir.



Klévisson Viana